



A construção urbano-sonora de Blumenau nas décadas de 1970 e 1980: a música como representação do imaginário social

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

Camila Werling
UDESC –*camilawerling@gmail.com*

Resumo: A cidade de Blumenau – SC desde sua gênese ressoa a música de seus primeiros imigrantes, no entanto com os processos de urbanização e industrialização das últimas décadas percebeu-se o aumento da heterogeneidade e pluralidade de sua população, o que se reflete no cenário musical da cidade. Este artigo é fruto da pesquisa em andamento a respeito do paralelo de manifestações musicais germânicas e não-germânicas na cidade, buscando identificar através de sua construção urbana e política como a música contribuiu para a manutenção do imaginário social germânico em Blumenau.

Palavras-chave: História da Música em Santa Catarina, Musicologia urbana, Identidade.

The urban-sound construction of Blumenau in the 1970s and 1980s: the music as representation of the social imaginary

Abstract: The city of Blumenau - SC since its genesis echoes the music of its first immigrants, however with the processes of urbanization and industrialization in recent decades it was noticed the increased heterogeneity and plurality of the population, which is reflected in the music scene of city. This article deals with the ongoing research about the parallel of German and non-German musical events in the city, seeking to identify through its urban construction how the music contributes to the maintenance of the German social imaginary in Blumenau.

Keywords: Music History in Santa Catarina, Urban musicology, Identity

1. Introdução

No contexto das políticas imigratórias do século XIX fundou-se em 1850 a colônia de Blumenau-SC. Os imigrantes alemães trouxeram consigo uma bagagem cultural que mantinha as atividades de entretenimento comuns na Alemanha, e inicialmente inseriram a música no cotidiano da colônia com o intuito de preservar os costumes de sua pátria mãe, reunir-se em comunidade e de divertir-se (ROSSBACH, 2008). Das sociedades de canto (*Gesangvereine*) que inicialmente se agruparam na colônia aos grandes festivais de música da segunda metade do século XX nota-se a consonância entre a evolução urbana da cidade e as constantes transformações de seu cenário musical, onde diferentes manifestações musicais passaram a coexistir no espaço urbano.

Com base em pesquisa de mestrado ainda em andamento, que pretende colaborar com o resgate da história musical de Blumenau na perspectiva de movimentos culturais pouco visibilizados, este artigo busca prover informações preliminares sobre as relações de contraposição entre as manifestações musicais ligadas à tradição germânica dos fundadores da cidade e as manifestações de caráter não-germânico, que coexistiram no espaço urbano de Blumenau-SC entre as décadas de 70 e 90 do século XX e contribuíram para a manutenção e formação de seu imaginário social.

2. As transformações urbanas da cidade

Em meados do século XIX, acompanhando as transformações globais, o Brasil implantava uma forte política imigratória europeia. Impulsionado pelo Governo Imperial – que estava interessado em mão de obra livre para ocupar as terras do sul até então habitadas por índios – o alemão Hermann Bruno Otto Blumenau trouxe em 1850 dezessete imigrantes vindos da Alemanha para explorar as terras concedidas pelo governo e nelas estabelecer a formação da Colônia de Blumenau, na extensão de cerca de duas léguas de terras demarcadas pelo Rio Itajaí-Açu.

Na construção dos espaços públicos e privados da cidade – que se configurou a partir de um ideal – percorreram questões físicas e geográficas, uma vez que Blumenau, desde sua gênese, construiu-se em função do traçado das águas do Itajaí-Açu e a partir dele seu espaço urbano foi moldado e transformado, ao passar por diferentes fases em sua economia, política e sociedade (MATTEDI, 2009). Como frisa Geoffrey Baker, no âmbito da América Latina “nem estruturas físicas, nem uma grande população foram necessárias para originar uma cidade, [...] os blocos de construção mais importantes eram o ideal urbano e sua realização por meio da performance” (BAKER, 2011 p.6). Sendo assim, a dimensão física do espaço urbano recebe uma valoração especial, no sentido de que a ocupação destes espaços pelas performances confere significados simbólicos a estes enquanto constituintes da cidade, mostrando um meio de legitimação tanto de espaços públicos quanto privados do ambiente citadino, produzindo ecos na construção da cidade (AVRITZER & COSTA, 2004 p. 713).

No entanto a construção destes espaços além de relacionar-se com os espaços urbanos da cidade foi determinada também pela população que inicialmente construiu Blumenau: os alemães. Giralda Seyferth salienta que a escolha dos imigrantes alemães para a ocupação das terras no sul do país – mais tarde criticada por nacionalistas que a classificam como antônimo de “brasilidade” nas décadas de 30 e 40 – não possuiu relação com as

premissas raciais, no entanto articulou-se com o princípio de classificação do colono alemão como agricultor eficiente, numa representação do que Ferreira chama de discurso de “espírito empreendedor e laborioso” e que foi critério presente na legislação migratória vinculada a colonização (SEYFERTH, 2002; FERREIRA, 2000). Ferreira afirma também que

[e]ste discurso do “espírito empreendedor e laborioso” procurava modelar uma imagem de harmonia e, num certo sentido, de homogeneidade para a sociedade blumenauense, excluindo-se desta forma as desavenças políticas, culturais e econômicas, como se as mesmas não estivessem inseridas no cotidiano da população local. (FERREIRA, 2000 p. 73)

Como Ferreira expõe, tal discurso de homogeneidade se tornou parte do imaginário no momento em que mesmo o isolamento territorial da colônia em relação a outras colônias catarinenses e a predileção por habitá-la com colonos europeus não impediu a entrada de brasileiros já em 1861. Numa modesta corrente de migração, esses brasileiros chegaram demonstrando o potencial da cidade em tornar-se um centro econômico importante na região “a ponto de atrair brasileiros, para os quais as vantagens de se integrar numa comunidade quase inteiramente de alemães devem ter sobrepujado os óbices decorrentes da necessidade de passar por um processo de aculturação” (SINGER, 1968 p.105).

O aumento populacional da colônia, seu desenvolvimento econômico e urbano, além do constante aumento dos processos de industrialização, levaram a gradativas mudanças no cenário citadino. Ainda assim, a partir do Estado Novo Blumenau foi vista como uma representante de ameaça à integridade nacional, devido a forte herança dos imigrantes alemães que aqui se instalaram e à referência à política imigrantista do Império. É nesse sentido que um momento antagônico ao da gênese da colônia surgiu modificando também o ambiente sonoro da cidade, conferindo a ela a aceitação e, de certa forma, a obrigatoriedade de um novo quadro musical.

Em 1937, com a Campanha de Nacionalização instaurada pelas práticas políticas do governo de Getúlio Vargas, as atividades de inúmeros grupos musicais ligados às tradições germânicas foram paralisadas ou tiveram que adequar-se e adaptar-se à língua e ao repertório nacional (PEREIRA, 2014; ROSSBACH, 2008), além disso, a antiga formação discursiva que positivava os descendentes de alemães e valorizava a manutenção de fronteiras étnicas foi desqualificada em favor do sentimento de valorização nacional. Anos mais tarde a campanha de abramileiramento dos teuto-brasileiros e imigrantes no Vale do Itajaí perdeu a força nacional, e em Blumenau alguns grupos retomaram suas atividades, apoiados sobre uma forte

revalorização da cultura dos imigrantes alemães, que a partir desse momento foi retomada, fortalecida e partilhada até o presente no imaginário social da cidade.

3. Pluralidade camuflada

Se nos anos em que se desenvolveu a Campanha de Nacionalização o discurso foi de assimilação e aculturação pelos alemães do Vale do Itajaí, a elite blumenauense – que na década de 30 investiu no *Deutschtum*¹-, em 1947, após o retorno das eleições, voltou a assumir a hegemonia política do município e iniciou um processo de reorientação de discursos de identidade que culminou na década de 80 com campanhas de incentivo turístico que moldavam novamente Blumenau como “a cidade mais alemã do país”.

O município também passou por gradativas transformações na esfera musical, na qual de certa forma inverteram-se os papéis antes estabelecidos no governo estado-novista e os grupos musicais de caráter germânico ganharam destaque e incentivo para sua produção artística, legitimando tanto espaços públicos quanto privados.

Os primeiros indícios da retomada das práticas simbólicas de preservação de memória e costume na esfera pública – nesse momento também associadas a um hibridismo cultural – deram-se em meados de 1950, nas comemorações do centenário da imigração alemã, quando a produção de memórias deu suporte a uma imagem atrativa da cidade (FROTSCHER, 2007). Nesta transição alguns dos coros que mantinham ligações com a cultura alemã retomaram suas atividades. Em 17 de fevereiro de 1952, por exemplo, foi fundada a Liga Cultural e Recreativa do Vale do Itajaí, liga que regularmente organizou encontros internacionais de corais, como o realizado pelo coral masculino “Liederkrantz” no ano de 1971 (C.C. 25 DE JULHO DE BLUMENAU, 2012). Já na década de 70 o governo do município passou a reconhecer e promover de forma mais intensa o potencial turístico da cidade evocando nela a presença alemã; uma política notada principalmente nas “tradições” musicais, no associativismo, na culinária e no estilo arquitetônico da cidade (HERBERS, 2014), a exemplo da lei ordinária nº 2262 de 1977 que concede favores fiscais às casas típicas, construídas em estilo “enxaimel”² ou “casa dos alpes” no perímetro urbano de Blumenau (BRASIL, BLUMENAU, 1977).

Em contrapartida à difusão da música das “bandinhas alemãs”, que foram impulsionadas pelas políticas públicas de consolidação de identidade de uma “Blumenau Germânica”, entre as décadas de 70 a 80 e também no período posterior a este, escolas de



samba, grupos de tradição italiana, grupos de Música Antiga, bandas de rock nacionais e covers, por exemplo, apareceram junto à paisagem urbano-sonora, marcando presença nos espaços públicos e privados da cidade.

O intenso processo de desenvolvimento econômico, industrial e principalmente têxtil pelo qual Blumenau passou na década de 70 trouxe à cidade um grande contingente populacional vindo de outras localidades do Vale e do sul do país que, assim como os imigrantes alemães em 1850, trouxeram consigo suas práticas culturais. Nesse sentido o samba e o carnaval de rua surgiram novamente no cenário blumenauense. O incentivo do poder público aparece além da organização dos desfiles das três escolas de samba na cidade, como o desfile de 1977, no espaço concedido para o armazenamento dos instrumentos musicais – estádio de futebol Aderbal Ramos – e na presença do próprio prefeito durante os ensaios da Escola de Samba Protegidos do Galeão (AMARAL, 2008).

Nas páginas do *Jornal de Santa Catarina* dos dias 22 e 23 de fevereiro de 1977 a manchete “Carnaval 77: Em Blumenau, o melhor do carnaval foram os Clubes” conta sobre o desfile carnavalesco ao longo da Rua XV de Novembro – um dos espaços públicos de maior representação simbólica da cidade – no qual “as escolas voltam teimosa e valentemente a desfilar ao longo da XV de Novembro, desafiando o blumenauense a quebrar sua inibição” (JORNAL DE SANTA CATARINA, 22 fev. 1977, p.8) para um público de cerca de três mil pessoas. A descrição da matéria é clara: “embora modestos, em função da falta de recursos, os blocos carnavalescos conseguiram agradar o público, arrastando consigo um pequeno número de foliões, apesar da tradicional apatia do blumenauense em relação ao samba de rua” (JORNAL DE SANTA CATARINA, 22 fev. 1977, p. 8). A adesão, mesmo que tímida, dos habitantes da cidade mostra a multiplicidade no uso dos espaços públicos da cidade, como é o caso da Rua XV de Novembro. O samba e as marchinhas ressoavam também nos salões da cidade, e foram notícia no *Caderno 2* do *Jornal de Santa Catarina* dos anos de 1978 e 1979. Seja na rua, ou nos bailes dos salões privados percebe-se uma considerável participação da população nestes festejos, no entanto na fala de cidadãos, como na entrevista concedida à Sara Krieger Amaral e em inúmeras matérias de jornais, como no *Jornal de Santa Catarina* de 19 de fevereiro de 1980, Blumenau aparecia rotulada no período de carnaval apenas como “um lugar para turista descansar” (AMARAL, 2008 p.53); uma cidade “para quem não gosta do trabalho, do barulho e das manifestações carnavalescas” (JORNAL DE SANTA CATARINA, 19 fev. 1980, p. 9).

A narrativa de cidadãos que participaram destes desfiles também confronta a visão criada sobre Blumenau, e mostra um novo olhar sobre a história musical da cidade. Uma das

ex-integrantes da Escola de Samba “Protegidos do Galeão” conta que “o poder público e os empresários antes [na década de 70] ajudavam a escola, mas depois [na década de 80] eles só priorizaram a Oktoberfest e as músicas alemãs” (DAVID, 2014). A fala dessa integrante ilustra o discurso político que se iniciou na década de 1970 e teve seu ápice no início da década seguinte, e que via em manifestações como a música e a arquitetura um caminho de afirmação de uma identidade que conectava Blumenau à imagem de “Europa brasileira”. Se por um lado, após o intenso processo de controle pelo qual os teuto-brasileiros passaram no governo estado novista, a cultura dos imigrantes pôde novamente ser experienciada pela múltipla população blumenauense da metade do século XX, manifestações como o samba foram invisibilizadas no cenário musical blumenauense por práticas políticas que apagavam os conflitos sociais e heterogeneidades e fabricavam um caráter homogeneizante à cultura e à constituição étnica de Blumenau.

Lino Vieira, músico blumenauense conta: “até hoje, quando alguém quer ouvir música alemã em Blumenau, não encontra em nenhum lugar, a não ser nos pontos turísticos da Rua XV” (VIEIRA, 2015), no entanto é construído no imaginário blumenauense, e difundido para além do município a ideia de que a música na cidade por muitas vezes restringe-se a polkas, valsas e marchas, tocadas num estilo “típico alemão” construído semelhante ao de bandinhas folclóricas alemãs comumente presentes na Oktoberfest, e onde outras manifestações musicais não ocupariam lugar na cidade.

Considerações finais

As questões relacionadas à identidade da cidade configuram-se em fatores determinantes na construção do cenário musical de Blumenau após a segunda metade do século XX. Segundo Stuart Hall a identidade “tem a ver não tanto com as questões ‘quem nós somos’, ou ‘de onde nós viemos’, mas muito mais com as questões ‘quem nós podemos nos tornar’, ‘como nós temos sido representados’ e ‘como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios’” (HALL, 2000, p.109), e aqui nos mostra em sua representação o potencial de construção que a identidade pode assumir. No caso de Blumenau, a construção de uma identidade germânica homogênea foi forçada através de aspectos culturais como a invisibilização de grupos envolvidos em tradições que não as germânicas.

A partir da inserção de bandas com um repertório “típico alemão” nos principais espaços públicos e pontos turísticos da cidade, foi-se reduzindo gradativamente o espaço antes



compartilhado por sambistas e conjuntos típicos, numa tentativa de camuflar a heterogeneidade musical blumenauense que surgiu a partir dos intensos processos de industrialização pelos quais a cidade passou nas décadas posteriores à Segunda Guerra Mundial. A invisibilização desta Blumenau não-germânica por sua vez construiu o imaginário social e iniciou processos de conflitos entre as manifestações musicais que referenciavam a cultura germânica e as manifestações de caráter não-germânico, pela constante luta por espaço na paisagem urbana da cidade.

Referências

AMARAL, Sara K. *Identidades em construção: discussão sobre as sociedades culturais não-germânicas em Blumenau (1976-1989)*. Monografia. FURB. Blumenau, SC. 2008, 59 p.

AVRITZER & COSTA. Teoria Crítica, Democracia e Esfera Pública: Concepções e Usos na América Latina. In: *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Vol. 47, n 4, 2004, pp. 703-728

BAKER, Geoffrey. The Resounding City In: BAKER, Geoffrey; KNIGHTON, Tess (org). *Music and Urban Society in Colonial Latin America*. Cambridge University Press, 2011 p. 1-20.

BRASIL, BLUMENAU, Lei nº 2262 de 30 de junho de 1977. Concede favores fiscais às casas típicas que forem construídas na área urbana de Blumenau, revoga a Lei nº 1909/72 e dá outras providências. Câmara legislativa, Blumenau, 1977. Disponível em: <https://www.leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1977/227/2262/lei-ordinaria-n-2262-1977-concede-favores-fiscais-a-casas-tipicas-que-forem-construidas-na-area-urbana-de-blumenau-revoga-a-lei-n-1909-72-e-da-outras-providencias?q=enxaimel> Acessado em: 30 mar 2015.

FERREIRA, Cristina. Identidade e cidadania na comunidade teuto-brasileira do Vale do Itajaí. In: FERREIRA, Cristina e FROTSCHER, Méri. *Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes - Blumenau: Nova Letra, 2000.*

FROTSCHER, Méri. *Identidades Móveis: práticas e discursos das elites de Blumenau (1929-1950)*. Blumenau: Edifurb, 2007.

FROTSCHER, Méri. Blumenau e as enchentes de 1983 e 1984: identidade, memória e poder. In: FERREIRA, Cristina e FROTSCHER, Méri. *Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes - Blumenau: Nova Letra, 2000.*

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.



HERBERS, Leonie. A Oktoberfest de Blumenau – uma festa “alemã”? Grupos de danças folclóricas e programação musical entre Alemanha, Brasil e o imaginário cultural teuto-brasileiro, 1984-2009. In: *História: Debates e Tendências* v. 14, n. 1, jan./jun. 2014, p. 167-181

MATTEDI, Paulo Roberto. *Uma leitura da construção da paisagem da Rua 15 de Novembro-Blumenau-SC*. 171f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

PEREIRA, Tiago. *Pela escuta de Heinz Geyer na “cidade ressonante”*: música e Campanha de Nacionalização do cotidiano urbano de Blumenau-SC (1921-1945). 211f. Dissertação (Mestrado em Musicologia). Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

ROSSBACH, Roberto Fabiano. *As sociedades de canto da região de Blumenau no início da colonização alemã (1863-1937)*. 175f. Dissertação (Mestrado em Musicologia). Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, Imigração e a questão racial no Brasil. In: *REVISTA USP*, São Paulo, n.53, p. 117-149, março/maio 2002

SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*: (análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife). São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1968. 377p. (Biblioteca universitária. Ciências sociais, v.22).

Entrevistas

DAVID, Cleusa. Entrevista concedida a Camila Werling em 22 nov. 2014. Blumenau. Registro escrito.

VIEIRA, Lino. Entrevista concedida a Camila Werling em 20 jan. 2015. Blumenau. Registro gravado.

Websites

C.C. 25 DE JULHO DE BLUMENAU: Um pouco de História... Liga Cultural e Recreativa Vale do Itajaí. Angelina Wittmann, 21 jul 2012. <http://www.25dejulho.org.br/2012/07/um-pouco-de-historialiga-cultural-e.html>. Acesso em: 03 mar. 2015.

Jornais

JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, SC. 1971-2013 (diário).

Notas

¹ A noção de *Deutschtum* vem ligada à ideia de germanidade e preservação da cultura alemã. Para mais detalhes ver SEYFERTH, 2011; FERREIRA, 2000; FROTSCHER, 2000)

² O estilo arquitetônico enxaimel, comum em regiões da Alemanha, neste caso é chamado “falso enxaimel” por não apresentar as paredes de taipa e o barro amassado entre as estacas de madeira. No caso da lei, destaca-se que as paredes podem ser de tijolos rebocados, no entanto devem representar o estilo arquitetônico original enxaimel.